

INFORME JB

■ WALTER FONTOURA

ONGs e índios

Organizações Não-Governamentais são relativamente recentes no Brasil. Temos mais prática, e intimidade, com desorganização governamental. As ONGs começaram a surgir aqui há poucos anos, na vaga que favoreceu a iniciativa particular em detrimento da ação do Estado. As ONGs vinham para fazer, ou para ajudar a fazer, o que o governo ou os particulares fazem mal, ou não fazem. Disseminaram-se de tal forma, por todo o país, que é agora difícil saber quantas são, quem são, para que servem – exceto, talvez, pelo CNPJ, se é que todas o têm. Secretário de Segurança do Estado do Rio, o general Newton Cerqueira mais de uma vez manifestou reservas quanto à atuação das ONGs nas favelas e no asfalto carioca. O sertanista Orlando Villas Bôas, embora não seja “um homem de informação”, também vê com grande desconfiança a presença dessas organizações junto aos índios. São centenas, talvez milhares, espalhadas pelos sertões mais remotos. Algumas agem como empresas produtoras de shows, tendo o índio como atração; outras compraram fazendas, no Brasil Central e noutras regiões, nas proximidades das aldeias – e puseram nelas os índios, tirando-os do seu hábitat natural. Há ONGs interferindo em quase todas as questões, e Orlando Villas Bôas não exclui o risco de aplicação ilegal de recursos externos através das ONGs, no momento em que tramitam no Congresso cerca de 30 projetos abrindo áreas indígenas ao garimpo e à exploração de minério.

Em recente encontro, o ministro da Justiça, Sr. José Gregori, dispôs-se a convocar o sertanista para ouvir suas preocupações. Seria desejável que o fizesse logo – antes que as ONGs também se transformem num problema difícil de contornar.